

## Geração de vagas é maior para agosto desde 2013

*Mercado de trabalho surpreende e tem 5º mês de saldo positivo*

*Por Estevão Tair e Thais Carrança — De Brasília e São Paulo*

O mercado de trabalho brasileiro registrou abertura líquida de 121,4 mil vagas em agosto, quinto mês seguido de resultado positivo e melhor desempenho para meses de agosto desde 2013.

O número veio acima do esperado pelo mercado (100 mil) e o bom desempenho foi generalizado entre os setores.

Analistas afirmam, porém, que a queda da confiança dos empresários em setembro sugere cautela à frente.

No acumulado do ano, o saldo está positivo em 593,5 mil vagas, acima dos 568,6 mil postos abertos de janeiro a agosto de 2018. Em 12 meses, o saldo é de 530,4 mil empregos, na série com ajuste para incluir dados enviados com atraso pelas empresas.

Por setores, seis de oito ramos da atividade apresentaram resultado líquido positivo em agosto. O destaque foi serviços (61.730 vagas criadas), seguido por comércio (23.626), indústria de transformação (19.517), construção civil (17.306), administração pública (1.391) e extrativa mineral (1.235). Houve fechamento de vagas em agropecuária (perda de 3.341 postos) e serviços industriais de utilidade pública (77).

Por regiões, o Sudeste puxou a criação de postos, com saldo líquido positivo de 51.382 vagas. Na sequência, vêm Nordeste (34.697), Sul (13.267), Centro-Oeste (11.431) e Norte (10.610).

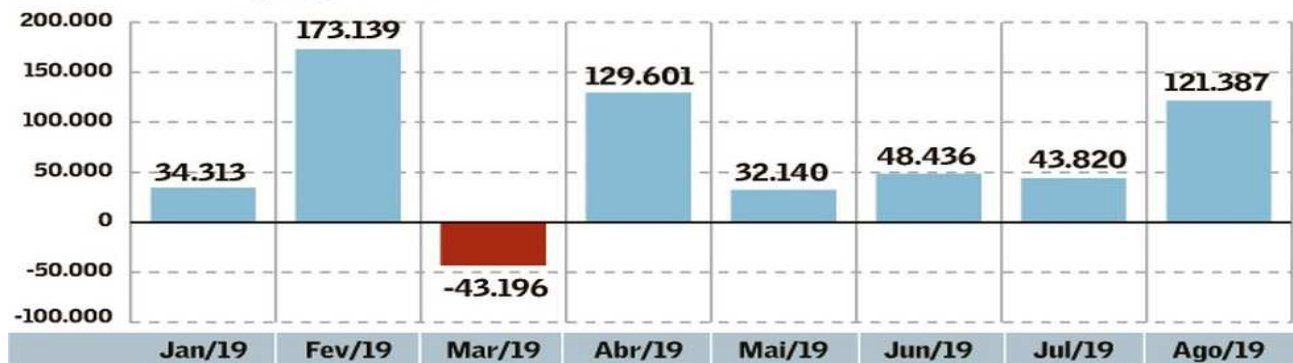
O presidente Jair Bolsonaro comemorou, pelo Twitter, o número de vagas de trabalho formais criadas em agosto. “O melhor resultado para o período em seis anos. O Brasil segue se recuperando”, escreveu em sua conta. O ministro da Economia, Paulo Guedes, também fez um breve comentário sobre o tema ao participar da Comissão Mista do Orçamento, no Congresso. “Melhor agosto desde 2013”, disse.

# INFORME

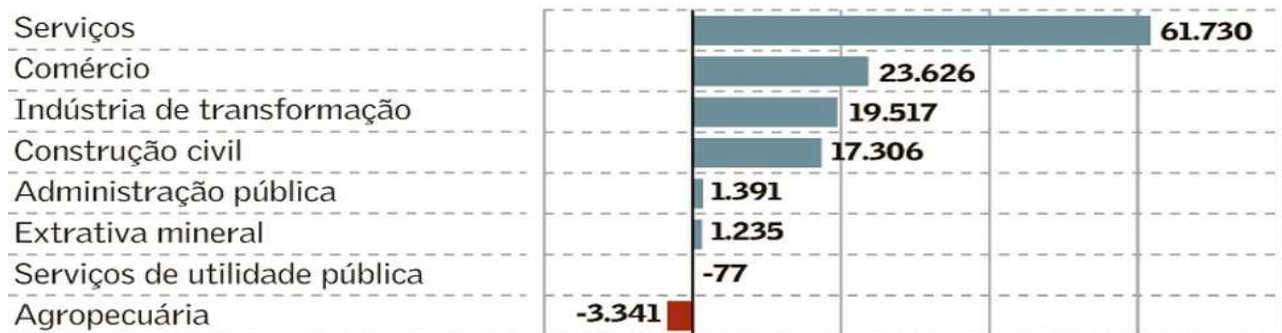
## Surpresa positiva

Mercado de trabalho formal veio acima do esperado em agosto

### Saldo de emprego celetista\*



### Saldo em agosto por setores



Fonte: Caged/Ministério da Economia. \*Sem ajuste para dados enviados com atraso pelas empresas

Na mesma linha, o secretário de Trabalho do Ministério da Economia, Bruno Dalcolmo, afirmou que o Caged sinaliza a recuperação gradativa do emprego e do crescimento econômico, após um primeiro semestre “repleto de desafios”. “Na nossa perspectiva, a construção civil é o melhor exemplo da consistência da retomada, com cinco meses consecutivos de saldos positivos de emprego”, destacou, em comunicado.

Para Cosmo Donato, economista da LCA Consultores, a construção civil pode ter sido o principal fator para o resultado acima do esperado em agosto, além da aceleração do setor de serviços. “Houve um avanço até significativo da indústria de transformação, mas esse é o momento do ano em que a indústria começa a se preparar para as encomendas de fim 2

# INFORME

de ano, então ela invariavelmente contrata mais, não há nada de surpreendente”, observou Donato.

Ele lembrou que o mercado imobiliário está bastante aquecido em termos de lançamentos, o que se soma à maior oferta de crédito e famílias mais confiantes. “Embora a construção não tenha apresentado a maior participação para a geração de vagas, é um setor que vinha bastante debilitado e, com ajuste sazonal, já mostra seu quarto saldo positivo”, afirmou ele.

Luka Barbosa, do Itaú, ponderou, contudo, que um crescimento mais forte da construção segue limitado pela falta de capacidade de investimento de governo federal, Estados e municípios. “Isso não deve melhorar no curto prazo e, para mudar no médio prazo, depende de reduzir despesas obrigatórias para abrir espaço para o investimento.”

Barbosa destacou a melhora do mercado de trabalho em relação a julho, na série com ajuste sazonal, mas avaliando que a queda na confiança dos empresários em setembro pode indicar nova desaceleração nos meses à frente.

Os 121 mil empregos criados em agosto correspondem à abertura de 53 mil vagas com ajuste sazonal, estima o analista. Com o resultado, a média móvel trimestral ajustada foi a 41 mil, vindo de 29 mil em julho. O ritmo é compatível com um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 1,4% em termos anualizados, acima da expectativa de 0,8% para 2019 do Itaú. “É uma criação de empregos moderada, mas melhorando na margem.”

Por outro lado, ponderou, a confiança do empresário segue em nível baixo, e mostrou queda novamente em setembro. A confiança da indústria recuou 0,2 ponto em prévia, a do comércio caiu 1,5 ponto e a da construção cedeu 0,5 ponto em setembro, segundo a Fundação Getulio Vargas (FGV).

“A confiança do empresário tem correlação forte com o Caged e ela aponta para nova desaceleração do emprego nos meses seguintes”, afirmou Barbosa. “Os dados apontam em direções contrárias e precisaremos ver nos próximos meses qual tendência vai prevalecer.”

## Como reduzir a informalidade?

*Com os desempregados, os informais chegam a 50 milhões de brasileiros – a metade da força de trabalho*

**José Pastore\***, O Estado de S.Paulo

De modo prático, tenho considerado informal o trabalho realizado sem proteções trabalhistas e/ou previdenciárias.

A informalidade prejudica as pessoas que ficam desamparadas nas situações de risco (doença, acidente, gravidez, envelhecimento e morte). E prejudica as finanças públicas porque aumentam as despesas para a assistência social. Na sociedade, a informalidade agrava a pobreza, agrava a desigualdade e deteriora o tecido social.

Entre nós, o problema piorou nos últimos anos. A maior parte dos informais é formada por empregados de empresas e de domicílios e por trabalhadores por conta própria. Há, ainda, os que trabalham para parentes e até empregadores.

Juntados aos desempregados (que perdem proteções quando perdem emprego), os informais chegam a 50 milhões de brasileiros – a metade da força de trabalho.

É claro que a formalização dessas pessoas está intimamente ligada à demanda por trabalho ao vigor do crescimento econômico. Mas, mesmo nessa situação, a informalidade tem se mantido.

As medidas para reduzir a informalidade diferem. Os empregados informais de empresa ou de domicílio fazem jus a proteções trabalhistas e previdenciárias. Os “conta própria”, só à previdenciária.

Vários fatores levam um empregador a contratar na informalidade, entre eles o alto custo da contratação e da descontração.

No caso de uma indústria, por exemplo, os custos de contratação somam 102,43% do salário.

Dispensar um empregado com três anos de firma e que ganha R\$ 1 mil por mês, por exemplo, custa para a empresa R\$ 7.220,00.

# INFORME

Ao fazer esses cálculos, um empregador só contrata formalmente quando tem pela frente uma demanda forte e uma produtividade do trabalho superior ao seu custo, o que lhe dá competitividade.

No emprego doméstico, depois da elevação dos encargos de contratação e descontração trazida pela PEC 72 (2013), a informalidade aumentou 14%. Muitas famílias trocaram a empregada fixa por faxineiras diaristas. Hoje, mais de 70% das empregadas domésticas são informais.

Ainda que necessário, reduzir encargos de contratação e descontração é difícil porque a maior parte decorre de direitos constitucionais. Por isso, há que procurar modos de proteger as pessoas em outras modalidades de trabalho, como o realizado por conta própria.

Os “conta própria” que se enquadram no Programa do Microempreendedor Individual (MEI) têm boas proteções (aposentadoria por idade e invalidez, auxílio-doença, licença-maternidade, pensão por morte e auxílio-reclusão).

Como o custo dos benefícios previdenciários está ultrapassando em muito o valor da contribuição (R\$ 50,90 mensais), o MEI precisa mudar. Além do mais, apenas 1/3 dos “conta própria” é MEI e contribui de forma irregular e instável. Os demais vivem na informalidade.

O grupo dos “conta própria” é bastante heterogêneo. Um terço é formado por técnicos, consultores, liberais e profissionais que trabalham em atividades viabilizadas pelas novas tecnologias que permitem o trabalho a distância, contínuos ou casuais, em plataformas, por aplicativos, etc.

Para estes, a Previdência Social oferece o Programa de Contribuição Voluntária, que é caro – daí a baixa adesão e a necessidade de reformulação.

Cerca de 2/3 são pessoas de pouca qualificação, renda baixa e instável. Para protegê-las, há que criar outros produtos de previdência privada e seguros sociais em regime de capitalização com alíquotas iniciais baixas e que sobem na medida em que as pessoas progredem na carreira e na renda.

São inovações que ganham ainda mais força com a retomada do crescimento econômico.

**\*PROFESSOR DA FEA-USP, MEMBRO DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, É PRESIDENTE DO CONSELHO DE EMPREGO E RELAÇÕES DO TRABALHO DA FECOMERCIO-SP**

# INFORME

## Brasil cria 121,3 mil empregos com carteira assinada, no melhor mês de agosto desde 2013

*Resultado foi puxado pelo setor de serviços e pelo comércio; total de vagas abertas de janeiro a agosto é o maior em cinco anos*

*Eduardo Rodrigues, O Estado de S.Paulo*

BRASÍLIA - O mercado de trabalho brasileiro criou 121.387 empregos com carteira assinada em agosto, de acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) divulgados nesta quarta-feira, 25, pelo Ministério da Economia.

O saldo de agosto decorre de 1,382 milhão de admissões e 1,261 milhão de demissões. Esse foi o melhor resultado para o mês desde 2013, quando foram criadas 127.648 vagas em agosto. No mesmo período do ano passado, houve abertura líquida de 110.431 vagas, na série sem ajustes.

O resultado ficou acima da mediana positiva de 98.881 postos de trabalho das estimativas na pesquisa do **Projeções Broadcast**. O intervalo das expectativas ia de abertura de 29.000 a vagas a criação de 129.940.

No acumulado de janeiro a agosto de 2019, o saldo do Caged foi positivo em 593.467 vagas, o melhor desempenho para o período desde 2014, quando a abertura de vagas chegou a 751.456, na série com ajustes. No mesmo período do ano passado a criação de vagas era de 568.551. Em 12 meses até agosto, houve abertura de 530.396 postos de trabalho.

O resultado foi puxado pelo setor de serviços, que abriu 61.730 postos formais, seguido pelo comércio, com 23.626 postos de trabalho.

Também tiveram saldo positivo a indústria de transformação (19.517 postos), a construção civil (17.306 postos), a administração pública (1.391 postos) e o setor de extração mineral (1.235 postos).

# INFORME

A agricultura fechou 3.341 vagas em agosto e os serviços industriais de utilidade pública tiveram fechamento líquido de 77 vagas no mês.

## ***Emprego intermitente***

Os dados do Caged mostram a criação líquida de 6.573 empregos com contrato intermitente em agosto.

De acordo com os dados do Ministério da Economia, essa modalidade registrou admissão total de 12.929 trabalhadores em agosto, ao mesmo tempo em que houve 6.356 demissões.

Houve ainda a abertura de outras 2.650 vagas pelo sistema de jornada parcial. As duas novas modalidades foram criadas pela reforma trabalhista.

## ***Salário médio***

O salário médio de admissão nos empregos com carteira assinada teve alta real de 1,97% em agosto de 2019 ante igual mês de 2018, para R\$ 1.619,45.

Na comparação com julho, houve alta de 0,44%, segundo o Ministério da Economia.

O maior salário médio de admissão em agosto foi observado na indústria extrativa mineral, com R\$ 2.616,94, puxado pelos salários da Petrobrás.

O menor salário médio de admissão foi registrado na agropecuária, com R\$ 1.306,25.

(Fonte: Estado de SP – 26/09/2019)